



## O NORMAL E O TRANSGRESSOR: RELEITURA DE ESTEVES 1982

*Fabio Rubio Scarano<sup>1</sup>\**

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências da Saúde, Instituto de Biologia, Departamento de Ecologia, Laboratório de Limnologia, Av. Carlos Chagas Filho, 373, Cidade Universitária, CEP: 21941-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Email: [fscarano@gmail.com](mailto:fscarano@gmail.com) (\*autor correspondente).

---

**Resumo:** Nessa resenha, revisito o artigo “A Ciência Limnologia: Aspectos Históricos e Estratégia de Pesquisa” de autoria do Professor Francisco de Assis Esteves (1982). Meu argumento é o que o jovem cientista que o redigiu já carregava todos os elementos que marcariam a trajetória do profissional que se tornaria uma das principais referências brasileiras no tema. Do texto aflora a fluidez do espírito jovem: o domínio da ciência normal mesclado com o anseio de sua transgressão; o desejo de trânsito do disciplinar para o transdisciplinar; a reverência à história como para que criar um novo projeto de futuro. O resultado é um texto que reflete seu tempo – início da abertura democrática no Brasil em meio à ditadura militar – e que, paradoxalmente, também está adiante do seu tempo, insinuando um projeto de decolonialidade e desobediência epistêmica, que mais tarde se confirmaria.

**Palavras-chaves:** conhecimento hegemônico; filosofia da ciência; história da ciência; limnologia; pensamento de fronteira.

**THE NORMAL AND THE TRANSGRESSOR: REVISITING ESTEVES 1982:** This essay revisits the paper “A Ciência Limnologia: Aspectos Históricos e Estratégia de Pesquisa” (“Limnologic Science: Historical Aspects and Research Strategy”) by Brazilian Professor Francisco de Assis Esteves (1982). My argument is that the young scientist who wrote it already carried all the elements that would shape the trajectory of the professional who became one of the main Brazilian references on the theme. The fluidity of the juvenile spirit emerges from the text: the authority over the normal Science mixed with the aspiration to transgress it; the desire to transit from the discipline to transdisciplinarity; the reverence to history as means to create a new project of the future. The result is a text that mirrors its time – the beginning of the political period known as “abertura” (openness) near the end of a 21 year military dictatorship – but, paradoxically, is also ahead of its time, insinuating a project of decolonisation and epistemic disobedience, which would later be confirmed.

**Keywords:** border thinking; hegemonic knowledge; history of science; limnology; philosophy of Science.

---

Somos “unidade múltipla e multiplicidade una”, dizia o filósofo francês Henri Bergson (1907, p. 279) em suas reflexões acerca do que é essencial e o que é acidental ao ser. Este debate remonta a Aristóteles, segundo o qual a essência define o ser,

enquanto o acidente é uma atribuição que se refere ao ser, mas não o define. Nessa resenha, argumento que o artigo “A Ciência Limnologia: Aspectos Históricos e Estratégia de Pesquisa”, de autoria do Professor Francisco de Assis Esteves (1982) – e que

agora completa 40 anos - já dava vazão à essência do jovem professor ainda no rígido território da escrita científica. O artigo ensaia traços futuros da atuação profissional e pessoal do Prof. Esteves, que o consagrariam como uma das principais referências da *Limnologia tropical*.

O componente “aspectos históricos”, presente no título, domina a primeira metade do artigo. Trata do que Thomas Kuhn chamaria de ciência normal ou estabilizada, que se faz central à iniciação na tradição científica (Brorson & Andersen 2001). Tal preocupação com a história (Esteves 2011a) e a estabilização (Esteves 2011b) do conhecimento é evidente ao longo da obra de Esteves – sempre voltado para a iniciação de estudantes – mas não é sua única faceta. Assim que o texto começa a abordar seu segundo propósito – “estratégia de pesquisa” – Esteves (1982) começa a descortinar outra face da sua unidade múltipla ou multiplicidade una: a de transgressor. Abre a segunda parte tratando do caráter ‘interdisciplinar’ da *Limnologia*. Ao mesmo tempo, que dá o cartesiano passo-a-passo metodológico (coleta, análise, modelagem dos dados), Esteves provoca ao apontar a relevância da ascensão da construção do conhecimento a uma ‘etapa holística’. Ele diz: “[a etapa holística] visa a compreensão do ecossistema lacustre não mais isoladamente, mas como parte da região na qual se localiza”. Holismo como antítese do reducionismo se fortalece na década de 1970 na Biologia através da incorporação da teoria dos sistemas que, entre outras inovações, integra o biológico ao construto técnico e humano que o cerca no espaço do território (Becht 1974). Ainda assim, interdisciplinaridade e holismo – hoje centrais ao pensamento e prática científica – ainda andavam longe de ser moda há 40 anos, tempos nos quais a tônica era a especialização e o reducionismo. Embora em relação a esses aspectos Esteves estivesse claramente à frente do seu tempo, o artigo também me parece fruto de uma época central à história do Brasil contemporâneo.

“Abertura democrática” foi o nome dado ao processo em tese iniciado pelo violento governo militar do Presidente Ernesto Geisel (1974-1979), porém consolidado pelo seu sucessor e também militar Presidente João Figueiredo (1979-1985). Contudo, o estado ditatorial, bruto

e antidemocrático persistiu pelo menos até 1982, justamente o ano no qual o artigo em questão viria a ser publicado. Naquele ano se deram as primeiras eleições para governadores de Estado durante a ditadura. É também nessa época que o ambientalismo no Brasil se acirra, especialmente diante do projeto de “progresso” da ditadura militar que avança a degradação predatória sobre os biomas brasileiros e seus povos originários. Esteves em seu artigo diz da importância da ciência para a conservação e uso racional dos recursos naturais. Essa aplicação da ciência à tomada de decisão política e social se tornaria uma marca da pesquisa e da atuação cidadã do Professor. Como esse seu artigo já sugeria, Esteves navegou da disciplina para a interdisciplinaridade e dessa para a transdisciplinaridade. Ele passou de uma visão de lagoa para uma visão de território. Seu impacto socioambiental reflete sua influência e ação em frentes que vão desde a criação de áreas protegidas (Esteves 2011a) à restauração de florestas degradadas (Scarano *et al.* 2018); de consolidação de um grande programa de educação ambiental (Esteves *et al.* 2005) à criação do campus avançado da Universidade Federal do Rio de Janeiro no município de Macaé, Rio de Janeiro (Esteves & Quintela 2019).

Quanto à educação, nesse que foi um de seus primeiros artigos, o jovem cientista diz dos “consideráveis progressos na formação de profissionais” em *Limnologia* naqueles anos. Ele, propriamente, se tornaria um dos maiores formadores, e certamente bem além do campo de ecologia aquática somente. O adjetivo “bem além” aqui tem duplo sentido: 1) Esteves forma em diferentes campos do saber, justamente por sua visão de ciência ser inter- e transdisciplinar; e 2) seu processo de formação de estudantes (ainda que para alguns seja disciplinador) é inquieto, inconformado e questionador. Especulo que isso venha do seu apego ao território; àquilo que nesse seu artigo ele chamava de “ecologia regional”. Territórios que têm lagoas, mas também têm outros ecossistemas, têm tecnologias e construções, e têm gente. Suspeito que o gosto de Esteves pela história e pela tradição normal da ciência venha de um desejo íntimo de transgredi-las. O filósofo italiano Antonio Gramsci (1932/2001) dizia que a hegemonia acadêmica tem a ver com a produção de conhecimento que corrobora a visão de mundo

de quem está no poder. Romper hegemonias é o ofício dos pensadores de fronteira e dos desobedientes epistêmicos, como os chamaria o semiólogo argentino Walter Mignolo (2011). A ciência do Norte Global é hegemônica em relação às vozes dissonantes do Sul Global; a ciência dos grandes centros no Brasil é hegemônica às vozes do chamado 'interior'. Esteves, em 1971, vai descobrir o mundo na Alemanha. Em 1982, no artigo aqui revisitado, incensa uma Limnologia com impressão digital brasileira. Em 1993, num papel de guardanapo numa mesa de bar, me mostra seu projeto de interiorização da Universidade, que consolidaria uma década depois em Macaé. O território é hoje seu mundo, tanto quanto o mundo é seu território. Unidade múltipla, multiplicidade una. Esteves. Francisco de Assis. Em essência, Chico.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Chico, pela amizade, confiança e ensinamentos. Ao Prof. Reinaldo Bozelli e demais editores desse volume pelo convite para produzir esse texto, pela amizade e parceria. Esse artigo é produto da Cátedra João Barbosa Rodrigues de Futuros Regenerativos, do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ.

### REFERÊNCIAS

- Becht, G. 1974. Systems theory, the key to holism and reductionism. *Bioscience* 24: 569-578.
- Bergson, H. 1907/2019. *A Evolução Criadora*. Martins Fontes, São Paulo.
- Brorson, S., & Andersen, H. 2001. Stabilizing and changing phenomenal worlds: Ludwik Fleck and Thomas Kuhn on scientific literature. *Journal for General Philosophy of Science* 32, 109–129.
- Esteves, F. A. 1982. A Ciência Limnologia: Aspectos Históricos e Estratégia de Pesquisa. *Spectrum - Jornal Brasileiro de Ciências*. 2, 11-12.
- Esteves, F. A. 2011a. Do Índio Goitacá à Economia do Petróleo: Uma Viagem pela História e Ecologia da Maior Restinga Protegida do Brasil. *Essentia: Campos dos Goytacazes*: p. 232.
- Esteves, F. A. 2011b. *Fundamentos de Limnologia*. 3ª edição. Interciência: Rio de Janeiro: p. 826.
- Esteves, F.A., & Quintela, M.F. 2019. NUPEM/UFRJ: protagonista da interiorização da UFRJ. Editora NUPEM: Macaé.
- Esteves, F.A., Fonseca, A.L.S., Caliman, A., Bozelli, R.L., Prast, A.E., Farjalla, V.F., & Barros, M.P.F. 2005. Projeto EcoLagoas: Um modelo de pesquisa, educação e cidadania. In: Roland, F., Cesar, D., & Marinho, M. (eds.). *Lições em Limnologia*. Rima, São Carlos, pp. 115-125.
- Gramsci, A. 1932/2001. *Cadernos do Cárcere*, vol. 2, Caderno 12, 2a edição. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro: p. 336.
- Mignolo, W. 2011. Geopolitics of sensing and knowing: On (de)coloniality, border thinking, and epistemic disobedience. *Postcolonial Studies*, 14(3), 273–283. DOI: 10.1080/13688790.2011.613105
- Scarano, F.R., Bozelli, R.L., Dias, A.T.C., Assireu, A., Capossoli, D.J., Esteves, F.A., Figueiredo-Barros, M.P., Nunes, M.F.Q.S., Roland, F., Sansevero, J.B.B., Rajão, P.H.M., Reis, A., Zamith, L.R. 2018. Twenty-Five Years of Restoration of an Igapó Forest in Central Amazonia, Brazil. In: Myster, R. (ed.). *Igapó (Black-water flooded forests) of the Amazon Basin*. pp. 279-294: Cham: Springer.

*Submitted: 24 March 2022*

*Accepted: 20 April 2022*

*Invited Associated Editors: Rayanne Setubal, Reinaldo Bozelli and Vinícius Farjalla*